

TRIBUNA LIVRE

23
NOVEMBRO
1963

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR - TELEF. 62113 - A MARES

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

As Senhoras Telefonistas da Anglo-Portuguese Telephone Company, comemorando o 22.º aniversário da conquista da sua alforria moral pela permissão de contrarem livremente matrimônio, conseguida em 25-X-940 após uma campanha porfiada levada a bom termo pela Liga Portuguesa de Profilaxia Social, — dignaram-se vir a esta Instituição manifestar uma alegria e um reconhecimento expressos na oferta de um lindíssimo ramo de cravos.

A despeito dos agradecimentos de momento, quis ainda a Liga de Profilaxia oficiar às Senhoras Telefonistas da Anglo-Portuguese Telephone Company nos seguintes termos:

«A Direcção da Liga Portuguesa de Profilaxia Social profundamente reconhecida, vem agracecer a V. Ex.as o simpático gesto que quiseram ter, recordando, com a cativante oferta de um ramo de

cravos, o dia 25 de Outubro de 1940, que ficou a marcar o fim de uma determinação absurda e imoral.

Se é certo que a referida data representa para V. Ex.as uma grande alegria, por lhes ter permitido constituir um lar e ocupar na vida aquela posição a que a mulher tem incontestável direito, não é menos certo que a Direcção da Liga Portuguesa de Profilaxia Social sente também uma grande satisfação por ter visto coroados de êxito os seus esforços despendidos durante tantos anos na porfiada luta contra a citada determinação.

Infelizmente, ainda hoje existem casos idênticos aos vividos pelas Telefonistas anteriormente a 1940. Referimo-nos à proibição do casamento imposto por certas empresas particulares às suas empregadas. Mau grado o grande triunfo obtido pela Liga Portuguesa de Profilaxia Social, durante o ano

transacto, com a consecução de medidas superiormente determinadas para que as Enfermeiras dos Hospitais Civis dependentes do Ministério da Saúde e Assistência pudessem livremente contrair matrimônio, — que nos conste, nenhuma das empresas que ainda sujeitam as suas empregadas ao celibato obrigatório, deram qualquer

(Continua na 5.a página)

Caminhos Rurais

formes, onde é preciso ser equilibrista para não partir ou torcer uma perna, e que se chamam caminhos.

Por ali passam uma vida inteira os crentes que neste mês se dirigem á igreja, de madrugada, para aliviar as almas dos seus. Por ali passam os pobres animais com carros de chéadas bem apertadas, batendo em pedras com marcas de rodados, já secu- lares, que nunca tiveram quem as removesse, e aguardam a picareta municipal que nunca chega.

Nós que vivemos na Vila, e os que vivendo na cidade aqui nos vêm governar de pé enchuto, temos obrigação, já que somos qualificadamente responsáveis, de procurar por todos os meios suavizar o sofrimento destes povos, que sempre abandonados durante tantas dezenas de anos, tem direito aquele mínimo indispensável.

Considerou o governo, e muito bem, serem males nacionais, que deviam ser eliminados com urgência, a falta de estradas para as povoações de mais de 100 habitantes, o abastecimento

(Continua na 5.a página)

Portugal e a OUA

«As possibilidades de uma eventual reabertura das conversações com o governo português» (mas agora no âmbito da OUA e não sob o patrocínio do secretário geral da ONU: «a bofetada na face de U Thant» — como lhe chamou o «Washington Post») foram examinadas, em Addis-Abeba, pelos ministros dos Negócios Estrangeiros dos trinta e dois Estados africanos, membros, simultaneamente, da Organização de Unidade Africana e da Organização das Nações Unidas.

Segundo uma versão de que se fez eco o atento e sempre bem informado correspondente da ANI nos confusos palácios do East River, afinal «os africanos continuariam a atribuir grande importância a todo e qualquer contacto directo com Portugal», mas no âmbito, agora, da OUA, organismo para o qual pretendiam deslocar da ONU — reduzida, assim, ao pouco reluzente papel de simples alto-falante — todas as questões de efectivo interesse para a África.

Os mesmos que ameaçavam Portugal com as iras da ONU e do seu Conselho de Segu-

rança são, pois, os primeiros, agora, a vibrar um golpe de preto no prestígio, é verdade que já muito abalado, daquela organização internacional.

A ONU que repouse em paz: todas as honras vão agora para a OUA — e é esta que os africanos quereriam impor a Portugal como interlocutora válida. Resta saber, porém, o que pensam, a este respeito, os portugueses... Sempre o Governo de Lis-

Continua na 5.a página

rança, e em S. Miguel, arquipélago dos Açores.

Essas histórias, simples e imaginosas, com o seu valor ingênuo, em que a poesia e a tragédia por vezes se confundem, valem como património do próprio Povo — visto que é ele que as conta, de geração em geração, como sentenças e lembranças duma herança que se conserva, na sua frescura e

(Continua na 5.a página)

LENDAS DE PORTUGAL

O 10º tomo desta obra, publicada pela «EDITORIAL UNIVERSOS» insere três histórias completas, da autoria do escritor Gentil Marques, conhecedor profundo das tradições populares, dos seus usos e costumes e das suas lendas mais belas.

Os motivos lendários tratados neste tomo, de grande significado tradicional, são localizados na Serra da Arca, no Alto Minho, em Vila Viçosa, no coração do Alen-

Sempre que me é dado, por obrigação já se vê, calcurrear os caminhos rurais da maioria das nossas freguesias, aperta-se-me o coração, ao verificar os sacrifícios inórficos dessa gente tão boa, que não sabendo sequer queixar-se, ou exigir como se impõe, lá vão de capote às costas, fortes tamancos e candeia na mão, subindo e descendo, molhados e atulados, esses lameiros, essas calçadas in-

Há da parte do ilustre Presidente da Liga de Profilaxia Social o sentido exacto da responsabilidade.

Enquanto certos e determinados sectores da vida nacional, do alto da sua cátedra inatingível consideram qualquer crítica de somenos importância, o muito distinto dr. António Emílio de Magalhães — que de cátedra podia falar ou recolher-se ao silêncio da sua proeminente figura de portuense de Lei — veio a público e em razão dar todas as explicações sobre o encantado assunto dos engraxadores nos cafés.

Cabe-nos a honra, pois, de arquivar nas colunas da TRIBUNA LIVRE um depoimento repleto de sinceridade com que a Liga trata todos os assuntos e só esse prazer nos dá afoitamente para lhe consignarmos o nosso mais vivo agradecimento.

Pena é que nonhunh diário do Porto tivesse tido a genitileza de transcrever as explicações da Liga, uma vez que o caso está afecto, muito principalmente, ao burgo tripeiro.

Mas... paciência.

O interesse com que a Liga nos dá conta da sua actividade, que conhecemos perfeitamente, confere-lhe o direito de nos elucidar quanto

Continua na 5.a página

Carta de Ruivães

MUDOU O TEMPO

Aquele sol radioso que vinha dando ao outono um aspecto de verão, deixou-se ofuscar, repentinamente, por nuvens espessas, que tem vomitado cá para baixo intermináveis catadupas de água e granizo.

Começa a Natureza a substituir os seus vestidos de gala pelo frio que regela, e pela folhagem que vagueia pelos ares, impelida pela fúria da ventania.

O tempo corre voloz e a nossa vida cada vez mais caminha para o seu termo. A nossa mocidade é a primavera em flor; mas é tão rápida a sua passagem que de repente somos surpreendidos peia decrepitude.

A bondade devia ser oapanágio de todo o ser humano, como Cristo nos ensinou, mas, infelizmente, o

homem quanto mais se civiliza mais se transforma em chacal.

O sábio esforça-se tenazmente por descobrir novos métodos de extermínio do seu semelhante; e, nesse sentido, passa vigílias sem par, com o objectivo de conquistar a glória de uma destruição total.

Quando o mundo tiver ultrapassado esta época de desvairamento e a história se fizer sem paixões, quantos anátemas não lançará ela sobre os que empregaram a sua inteligência ao serviço do mal?

Como seria bom os homens entenderem-se como irmãos, amarem-se mutuamente e darem-se as mãos com sinceridade, constituindo uma única família, sempre unida, sempre leal e

(Continua na 5.a página)

TRIBUNA FEMININA



Porque é que...

«elas» são assim?

Alice era bonita. Morena, bem feita, graciosa... Namorei-a algum tempo, verdadeiramente entusiasmado. Breve, porém, tive de encarar a realidade: ela não era mulher que me servisse.

Alice era igual a todas as raparigas da actualidade. Vestia sempre pelo último figurino e as suas atitudes, os seus gestos, os seus olhares imitavam na perfeição as estrelas de cinema.

Uma rapariga assim é boa para levar ao cinema, a um café, à praia, a qualquer passeio; é boa para exibir diante dos amigos e do público em geral, como se exibe um «pedigre» ou o «espada» do último modelo que compramos há pouco.

Mas para casar, não, isso não! Arriscava-me a um fracasso; habituada a luxos, a despesas inúteis... como poderia eu, modesto empregado de escritório sustentar a sua vaidade?

Sei que ela gostava de mim — ou talvez fosse apenas um capricho de mulher. A verdade, porém, é que me procurou várias vezes nas proximidades da minha casa, e várias vezes me telefonou para o escritório. Essa insistência em lugar de me comover logrou, apenas, envalidecer-me, e... afastei-me mais ainda. Porque o amor-próprio não me fez olvidar, que o futuro de um homem está, muitas vezes, todo inteiro na nossa juventude.

Que pensarão todas essas Alices de olhos de esfinge?.. Que pensarão elas dos homens, novos e velhos, que as vão perseguindo, a pé ou de carro, na mira de algo inconfessável?

Saberão elas o que esses homens pretendem? Ou serão tão ingênuas que...

Não; os «anjos» não andam de sola curta nem atitudes provocantes...

Mas porque são elas assim?

Culinária

Pombos com creme

Esfregam-se os pombos com sumo de limão e um pouco de sal. Levam-se depois ao lume numa caçarola, com 2 colheres de manteiga, um cálice de vinho branco, canela em pó e noz moscada ralada. Estando cozidos retiram-se e misturam-se ao molho 4 colheres de açúcar um copo de nata sumo de uma laranja doce e um cálice de vinho branco. Deixa-se ferver tudo e serve-se com os pombos.

Nabos doces

Cozem-se em manteiga alguns nabos pequenos junta-se-lhes um pouco de açúcar temperam-se de sal e molham-se com leite, deixando-se cozer a fogo brando.

Esquecidos

Batem-se bem 250 gramas de açúcar, 4 gemas, 1 clara, 50 gramas de Maizena e 150 gramas de farinha de trigo.

Fazem-se bolinhos que se levam ao forno em tabuleiro pulvilhado com farinha.

Pernas de rã

Depois de esfoladas as pernas da rã põem-se a marinhar durante uma hora em vinagre branco sal pimenta moida ramos de salsa e cebolas às rodelas meia folha de louro e um pouco de tomilho; depois escorrem-se passam-se por farinha e fritam-se em manteiga de porco.

Galinha assada

Depena-se a galinha lava-se mas não se abre nem se lhe corta o bico, que se espeta no peito. Unta-se com manteiga de porco e sal, e leva-se ao forno, numa pingadeira, sobre uma fatia de pão.

Condições de Assinatura

Continente

Ano	:	:	:	:	:	50\$00
Semestre	:	:	:	:	:	25\$00

Ilhas

Avião—ano	:	:	:	:	:	50\$00
Semestre	:	:	:	:	:	75\$00
Barco—ano	:	:	:	:	:	80\$00
Semestre	:	:	:	:	:	30\$00

Brasil

Avião—ano	:	:	:	:	:	180\$00
Semestre	:	:	:	:	:	90\$00
Barco—ano	:	:	:	:	:	80\$00
Semestre	:	:	:	:	:	40\$00

Estrangeiro

Avião—ano	:	:	:	:	:	180\$00
Semestre	:	:	:	:	:	90\$00
Barco—an	:	:	:	:	:	80\$00
Semestre	:	:	:	:	:	40\$00

Porque é que...
«eles» são assim?

Aquele retrato tirado no jardim... lembras-te?

No momento em que morriste, não era para a máquina que eu olhava... mas para ti. És tu quem está, todo inteiro, nos meus olhos parados. Sim, és tu... Pois não te vês no brilho que os ilumina, na ternura que os inunda? Hoje não me reconheço nesse retrato. Fios brancos substituiram os cabelos cor de mel que tantas vezes afagaste.

Nos meus olhos já não existe o brilho de outrora: estão vazios e meio ocultos pelas pálpebras enrugadas.

Mas, queres saber? continua a viver neles a tua imagem...

Muitos anos passaram já sobre o dia em que me abandonaste com um filho nos braços. Muitos anos... Mas embora Deus me tenha recusado a suprema consolação, eu não te esqueci.

O nosso filho — o teu retrato vivo, que eu tanta vez senti palpitar junto ao meu

peito — o nosso filho morreu, vi-o partir num caixão todo branco... os lindos caracóis aureolando o seu pequenino rosto... que sorria... sorria...

Já lá vão muitos anos... sim...

E ainda não consegui esquecer!

O nosso filho morreu... sabes porquê? Porque Deus não quis que houvesse no mundo mais uma criança sem pai!

...e eu fiquei só... Só com as minhas recordações.

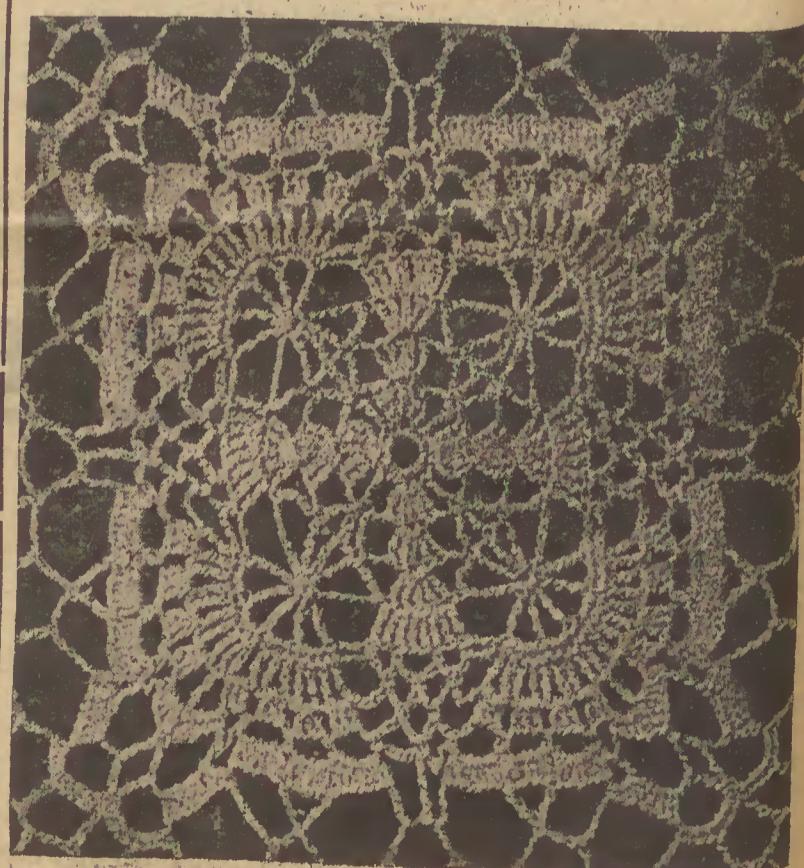
Sou para a qui um farrapo... um nada... a tua obra!

E, ao lembrar o passado, pergunto à imagem dos meus olhos, sem obter resposta:

— Porque é que tu... porque é que os homens são assim?

M. V.

Visado pela Censura



TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Ecrevo aos amigos de longe e de perto, mas é aos de fora da freguesia de Lago... Poucos em Lago assinam este jornal; e, alguns desses poucos, quando no jornal vêm alguma coisa de interesse, oculham-no e impedem outros de o lerem...

O nosso correio

Quando falo do correio alguns pensam logo que me refiro ao chefe do posto do correio de Lago. Enganam-se esses senhores, pois que o objectivo das minhas observações e críticas é sempre a distribuição do correio ao domicílio. Esta é que interessa principalmente a toda a gente de Lago que não tem complicações de namoro.

As raparigas, que não querem o policiamento dos pais dos pais às suas cartas náuticas, preferem que não exista distribuidor do correio. Também há certas mulheres que, não sei por que bulas, parecem preferir a não existência do distribuidor. Uns dizem que é por causa do branco e de uns aperitivos... Outros dizem que é para terem ocasião de certos encontros. Eu não sei de nada. Apenas sei que eu, e toda a gente que tenha as suas ocupações, não temos vagar de andar pelo correio para ter encontros ou beber branco ou tinto.

Pedimos que a burocracia dos C. T. T. não atrasse a remodelação da distribuição do

correio ao domicílio, no concelho de Amares, e pedimos que, ao menos por caridade, se esta virtude ainda existe... a freguesia de Lago seja incluída em um dos dos giros da distribuição domiciliar do correio. Estamos, como as Almas no Purgatório, à espera... Vai levar a nossa esperança? Creio que sim! O muito esperar já desalenta alguns. Eu ainda não desalentei. Tenho esperança, embora comprehenda que os anos de espera já são muitos, talvez demais, sobretudo tendo em conta que as outras freguesias, há tanto tempo beneficiadas, não tem mais direito do que nós... e estão servidas.

É frequente chegarem-me à mão cartas paradas no correio de Lago há 4 dias. No dia 18-11-63, recebi uma carta da Câmara, outra de Aguas Santas e outra de Braga, todas chegadas a Lago no dia 14... Sobretudo para as duas primeiras este atraso fez diferença e eu não contava com elas para as ir procurar. Se houvesse distribuidor chegavam-me, à mão, pelo menos, no dia 15. Assim não pude cumprir o que as caras pediam, no prazo requerido. Por estas e outras piores, que a falta de distribuidor tem ocasionado, é que tenho insistido, nunca me cansarei, enquanto viver, para que a Exma Direcção dos C.T.T. se não esqueça de nos acudir e nos socorrer...

É tudo por hoje.

Vosso: J. Moreira

AS CARREIRAS

ao dia de mercado 4.a feira

Foram aprazidamente a um ano pedidas à Viação Auto-Motora, umas carreiras extraordinárias; da Feira-Nova a Sequeiros servindo, Carrazedo, Pilar, Fiscal-Torre, Bico, S. Vicente da Ponte, Lamoso e Sequeiros, outra Feira-Nova Monsul. A primeira não foi criada, não sabemos a razão até porque ficam aqui no Largo Dr. Oliveira Salazar Feira-Nova, camionetas que têm o espaço de 3h e 1,30 entre a chegada e a partida, que podiam, sem dispêndio de pessoal e de veículos, fazer as carreiras pedidas:

A segunda foi criada. Os habitantes de zona servida ou seja, Amares, Ponte do Porto, Aguas Santas, Moure, Pousada, e Monsul, sentiram-se satisfeitos por estarem óptimamente servidos.

De momento, passou a andar nesta carreira outro chaufer e a carreira acabou. Tivemos conhecimento que nunca essa carreira deu prejuízo.

Acabou porquê? Teria por ventura a Viação Auto-Motora investigado a razão? Julgamos que não.

Já que este confessa não está interessada nestas carreiras aproveita o ensejo de lembrar às Empresas, Hotelaria do Gerêz, Tecedeiro e Herdeiros de Armando Moreno a oportunidade e a necessidade da criação destas carreiras no dia do mercado.

Notando-se a aumento do nosso mercado semanal ano para ano, agora mais ainda existe razão do aumento de carreiras servindo as freguesias deste concelho e dos Concelhos limítrofes.

DE CALDELAS

Um Leitão com a fisionomia de Elefante

Caldelas, 14 — Numa poçilga do agricultor sr. Abilio Abel Afonso, sito no lugar da Vila, desta localidade, nasceu com pouca vida, um leitão fenómeno, com as seguintes características de elefante: patas, orelhas, olhos, boca; mas o que mais se admira é o focinho com uma grande tromba — um autêntico elefante em miniatura de cor branca.

Este fenómeno tem sido muito admirado e comentado por todos que o observaram. — C.

CASAMENTO

Teve lugar no passado dia 17 do corrente às 11 horas no templo de S.ta Quitéria-Felgueiras o casamento do nosso preso assinante e colaborador Senhor José Joaquim Leite da Silva, natural de Caniçada, Vieira do Minho actualmente ao serviço da Esquadra n.º 12, Paços de Ferreira, com a menina Irene Pinto de Carvalho natural de Pinheiro Felgueiras, Funcionária dos C.T.T. em serviço na Estação de Paços Ferreira.

Presideu ao acto o Reverendíssimo P.º José Augusto de Sousa natural do conce-

lho de Amares. Paroquiando a Freguesia de Pinheiro, Felgueiras.

Foram Padrinhos, da parte do noivo: José Joaquim da Silva e Maria Rodrigues da Silva, do Porto, da parte da noiva: D. Juliá Dias Castelo e José Urbano Neto Castelo. Finda a cerimónia foi servido um excelente almoço na Pensão Albano em Felgueiras usou da palavra o Reverendíssimo P.º José Augusto de Sousa e mais presentes.

Fundo este os noivos seguiram em viagem de núpcias.

Aos noivos Tribuna Livre deseja as maiores felicidades e venturas.

Carta de Bouro

Avisinha-se a inauguração da electricidade que serve as freguesias de Dornelas, Goães, Santa Marta e Santa Maria de Bouro. Obra grandiosa é talvez a maior de quantas se têm feito no concelho desde sempre.

Barreiros

Aniversário

Passou no dia 14 do corrente mais um aniversário natalício o Sr. António José da Costa abastado proprietário e Presidente da Casa do Povo desta freguesia. Por tão faustosa data um grupo de amigos cumprimentou-o e fez votos para que esse dia se repetisse muitas vezes.

Casa do Povo

Foi no passado domingo, 17 do corrente, que se realizou a eleição dos dirigentes da Casa do Povo.

Com grande entusiasmo e frequência os sócios acorreram á urna para dar o seu voto por quem sempre soube dirigir e administrar não por vaidade ou orgulho, mas sim, por amor á causa do bem comum.

São destes homens que a freguesia precisa.

Desastre

Sábado pelas 5 h. da tarde deu-se um acidente em que foi vítima o Sr. Emilio José Fernandes, lavrador caseiro, que estando a dar volta a um carro escorregou e espertou uma tesoura de poda que trazia à cinta. Chamado o Pronto Socorro dos Bombeiros. V. de Amares, compareceram imediatamente no local do acidente, sendo conduzido ao hospital de S. Marcos, onde ficou internado.

Desejamos-lhe uma recuperação rápida para que em breve esteja entre nós.

Esta freguesia tem de estar grata a todos quantos trabalharam para que a sua maior aspiração se realizasse. É um dever de gratidão que não fica mal a ninguém. Não achamos, porém, que se possa olvidar o nome de ninguém e muito especialmente de quem mais trabalhou.

Nesse dia da inauguração, se mais ninguém o fizer, esta freguesia deveria convidar para seus hóspedes aqueles que constituíam a Câmara que tornou possível esta realização, à frente da qual se encontrava o Senhor Dr. Eduardo Gonçalves, em verdade trabalhador incansável a quem mais devemos.

Passaram-se dezenas de anos em que a electrificação era falada, estivemos muito perto de a ter, mas a verdade é que nunca a tivemos, até que surgiu o impulso decisivo de uma Câmara devotada a quem o concelho tanto deve.

Achamos bem que até nós venham todos, que todos nos acompanhem na alegria que experimentamos, mas ficaríamos deprimidos se vissemos que a festa não incluia os que mais o merecem, vindos em seu lugar um ou outro que tenham tido só o privilégio de atrasar a sua realização, ou que aproveite o momento para expor a cabeça a receber as pétalas das flores do nosso agradecimento.

O povo de Bouro, bairrista e agradecido, que nunca quis receber lições do que deve fazer, certamente que estará unanimemente disposto a vitoriar quantos o mereçam. Não pode, porém, fazê-lo com alegria se à frente dos seus convidados não estiver o homem e os que o ajudaram a dar corpo ao mais caro e justo anseio da freguesia de Bouro.

C.

Atingido com um tiro

Com um tiro involuntário, foi ferido na face direita do rosto, por um seu irmão, o Sr. Luis de Barros filho do Sr. João de Barros ambos caiadores e residentes no lugar do Sertão.

O ferido foi conduzido ao hospital S. Marcos, Draga, onde depois de assistido ficou internado, não sendo contudo o seu estado de saúde desesperador.

A G.N.R. tomou conta da ocorrência.

Carta de Ruivães

(Continuação da 1.a página)

sincera? Mas não.

O egoísmo é o alcorão dos que, em nome de uma igualdade fementida, atropelam direitos, conspurcam a honra alheia, prevertem princípios sagrados e escarnecem as leis da razão.

Nesta corrida sem norte, o que será o dia de amanhã?

O materialismo esforça-se obcecadamente por destruir a espiritualidade humana.

O homem sem religião é o despotismo, é o orgulho desenfriado, é a fera sem entradas.

Quanto mais sangue, mais sede, quanta mais miséria, mais satisfação.

A ciência tem progredido mais no sentido do mal do que na conquista do bem. A humanidade anda afastada de Deus e daí a sua confusão.

Haja um arrependimento sincero, uma emenda da vida sem sofismas, voltem-se os homens para Deus e a paz virá ao nosso encontro, fatalmente.

E se assim não suceder, tudo sossobrará, sem remédio.

Amadeu César

Terras do Bouro no espírito de Manuel A. Barreto Marques

A Igreja da Sede

Terras do Bouro é um Povo; um Povo deve ser uma perfeita, religiosa e proficiente família; uma Família é um composto ou agregado de indivíduos que devem laborar decidida e fervorosamente sobre a alcada do mesmo pensamento, imanizados pelos mesmos interesses comuns, fomentados pelos mesmos princípios e ideias; uma Família é uma venerável comunidade onde importa que predomine a paz, a harmonia, a concórdia e o entendimento mútuo.

E cada Povo tem o seu Chefe que manda, comanda e domina, e deve desempenhar o melindroso e proficiente cargo de Pai, com manifesta e prudente perícia. O Pai, sendo ponderado e desejando edificar obra perfeita e completa, pensa e expõe a seus filhos e criados os seus mais reconditos desejos, ambições e pensamentos; expõe e escuta com toda a veneração e atenção; aconselha e toma na devida consideração as sugestões apresentadas pelos filhos ou até mesmo pelos seus mais humildes servos; aproveita tudo quanto se apresente com aspecto de útil; sabe desprezar e pôr de parte tudo o que pareça mau ou erróneo — aconselhando sempre com carinho paternal. Quem comanda deve ter sempre presente em seu pensamento a grande verdade de que, debaixo de miseros andrajos e no espírito de pessoas humildes, subsistem muitas vezes, pensamentos e opiniões de extraordinário valor.

Importa, tão somente, que um Chefe saiba destrinçar e aproveitar, escrupulosamente e sem resistência pessoal, tudo o que possa ser útil e proveitoso para o desempenho do seu cargo e para a comunidade em geral.

E, como temos a felicidade de pertencer a uma Comunidade Católica, impõe-se que cada Chefe tome como devota, fervorosa e respeitosa dedicação, o culto devido à Casa de Deus e sua altaiva apresentação ao público.

Se uma Igreja é grande e monumental, e está fervorosamente cuidada e estimada, o Povo é grande no seu valor religioso, e muito nobres seus tradicionais e sociais costumes.

Em face destes princípios e normas morais, nós podemos verificar e facilmente compreender que uma Igreja é um evidente e lídimo símbolo da vida de um Povo, onde se refletem todas as suas grandezas ou mediocridades. E, se em cada freguesia ou aglomerado de habitações importa que a sua Igreja se eleve, em grandeza sumptuosidade acima de todas

as demais habitações, é que havemos então de dizer, se formos obrigados a fazer referência à Igreja da Sede de um Concelho?!

Evidentemente que, assim como qualquer Igreja deve sobressair e elevar-se acima das demais habitações da freguesia, assim também, e com muita mais razão, a Igreja da Sede de um Concelho inegavelmente tem que se elevar em grandeza e sumptuosidade acima de qualquer Igreja das respectivas freguesias desse Concelho. E até certo ponto de vista e clara compreensão, nós temos todos, para com a Igreja da Sede do nosso Concelho, uma quota-parte de dever e obrigação, em todo o ponto e espaço que possa dizer respeito à sua existência, instalação e grandeza, porque essa Igreja deve ser considerada um venerável património municipal — logo, um património todo nosso, porque, assim como nós fazemos parte integrante do nosso Concelho, assim o Concelho com todos os seus patrimónios, é pertença toda nossa.

E, sendo assim, como incontestavelmente é, cabe a todos e a cada um dos terrashenses a grande responsabilidade e o dever de erigir, na Sede do nosso desprezado Concelho, uma Igreja que possa colocar-nos em posição de igualdade de circunstâncias, comparada com outras terras por onde tenham passado os virtuosos carinhos do progresso, e a expansão do Cristianismo. Temos que fazer cristandade; e é preciso que a nossa presença de Católicos se evidencie e se faça reflectir em todo o lugar e em tudo que porventura se possa relacionar com a difusão e prolongamento da nossa Fé. E, como dentro do nosso concelho tem que obedecer a rigoroso e cuidado projecto de reconstrução e construção, a Igreja da Sede tem que ser construída, indiscutivelmente, dentro desse plano:

1.º — Importa escolher cuidadosamente, com toda a prudência, honestidade e desinteresses possíveis, e de harmonia entre todas as pessoas mais conceituadas da Sede do Concelho (de todos os paroquianos de Moimenta... sem qualquer sombra ou vestígio da rotineira discordia... Moimenta Nova e Maimenta Velha) como ia dizendo, escolher o lugar onde se deve construir a Igreja, de forma que possa embelezar a Sede e que, principalmente, possa chamar à verdadeira união e concórdia toda a gente, sem qualquer exceção ou distinção de pessoas ou classes.

Dentro da nossa transcendente Religião só pode me-

recer distinção a pureza de vida e de costumes.

2.º — Pensar em dar princípio, o mais urgente possível, no empreendimento da sua construção. Tudo deve começar pelo princípio, de forma segura e com fins solidamente assegurados por bons alicerces.

Bem sei que as tentativas têm sido já bastantes e... todas miseravelmente e vergonhosamente têm falhado; mas isso apenas deve servir de precaução para os Homens de sã e firme vontade, e nunca para desânimos e maus prognósticos dos Povos Católicos da nossa Região;

Eu proponho-me apresentar ao público o que se passa em meu espírito a respeito deste empreendimento de primacial grandeza e necessidade e... se os Homens assim o quiserem compreender, que aproveitem o que algo de valor possa ter, e que desprezem e ponham de parte tudo o que se lhes afigurar sem utilidade ou valor algum.

A iniciativa para essa ponderante construção, tem que partir, incontestavelmente, da presidência da Câmara Municipal, do R.mº Prelado Arquidiocesano, de todos os puros, dignos e servidores Católicos do nosso Concelho. E, todos unidos, de mãos dadas e irmanados pela Comunhão dos mesmos e salutares princípios expressos no Cristianismo, a construção da Igreja da Sede do Concelho de Terras do Bouro deixará de ser um mito, a rebaixar-nos e a envergonhar-nos, para ser então um facto de inteira e absoluta realidade.

Tudo dependerá, tão sólamente, da boa vontade e honestidade, da perspicácia e perícia, da comprovada e geral simpatia em que fôrem tidos e recebidos os responsáveis pela construção da Obra...

Impõe-se, desde já, a instalação de um cofre, na Sede do Concelho, em lugar bem visível e de atraente atenção, onde possam ser recolhidos e bem guardados todos os donativos que se possam ir adquirindo (mas... muito cuidadinho!... toda a cautela será pouca!...); um cofre sem porta... nem trancas... nem outro qualquer orifício por onde se possam extraír os donativos (um cofre apenas com um orifício de entrada) para que os... homens honestos e dignos, do nosso Concelho, possam continuar a sê-lo... sem qualquer prejuízo seu... ou desconfiança para o público que, geralmente, quando gême... quase sempre gême com a sua tal ou qual razão... (quando o povo diz zão-zão... ou é rebeça ou

SONETO

ENGANO

Como eu errei Senhor, como eu errei.
Como tudo afinal é diferente.
Maldita a hora eu não acreditei,
Nem senti o teu olhar ardente.

Assim fui andando dia a dia,
Sem viver o sabor de uma beleza,
Sempre triste sentindo a nostalgia,
Essa horrível dor da incerteza.

Passos mal dados que dei por querer;
Alma minha como eu te vi sofrer
Neste mundo cruel e desonrado...
Deus foi bom mostrou-me a realidade,
Enganei-me e vi quanta maldade
Existe num coração culpado...

Pedro Nuno d'Azevedo e Silva

rabecão...).

Tanto mais que, todos nós sabemos muito bem que várias pessoas têm contribuído com os seus donativos, levados por puros sentimentos de expansivo Cristianismo, para a construção da Igreja de Moimenta (e alguns têm sido bastante avultados), e... meus caros e preclaros amigos e leitores da Tribuna Livre:—três vezes nove... são vinte e sete!!!...

Onde param esses donativos?!

Ninguém o sabe?... Pois eu também não!...

Apenas reconheço que, no meio ou à volta desta tragédia (aliás muito escandalosa para o nosso Concelho) há grandes responsabilidades: sobre os homens que têm consentido as fraudes; sobre o Clero e o Povo, por terem dado ao abandono os interesses da sua Terra; sobre as Autoridades, por não terem o pulso suficiente para... castigar severamente os que erram e cometem sacrilégios!!!..

Tem faltado o Homem que saiba afinar e tocar a viola!...

Mas contudo, nada de pessimismos... Mão à obra! Querer é poder!... E, como a Igreja da Sede do nosso concelho é considerada um monumento municipal (e por que não nacional?!)..., todas as freguesias do nosso Concelho (gente inteiramente e muito fervorosamente crente, hospitaleira, filantrópica, acolhedora e respeitadora), todas as freguesias hão de prestar a sua prestimosa quota-parte para a realização da Obra. E então cada freguesia contribuirá com dez mil escudos, que serão entregues dentro de certo período de anos, conforme for combinado. Por esta parte, poderá então contar com 170 contos.

O Povo estará para os ajustes?... — Está, porque o nosso Povo de Terras do Bouro é genuinamente Português, Católico e de sãos princípios.

De todos os donativos recebidos, fazer-se-ão inscrições gravadas em pedras, que seriam colocados no frontispício da Igreja, a recordar, aos vindoiros, os nomes dos benfeiteiros que contribui-

biram para a realização da obra.

O Povo de Terras do Bouro é cheio de crenças religiosas, onde o Cristianismo sempre imperou e ocupou o primeiro lugar de relevo na alma, nos actos e nos seus tradicionais costumes. O Cristianismo foi e será sempre o grande Lema do nosso Povo. Ora para dar perfeita e completa expansão e cumprimento aos deveres e obrigações religiosas dum Povo, é necessário termos Casa adequada, confortável, higiénica e com decente apresentação, onde a comunidade religiosa possa desafogadamente prestar o seu augusta culto a Deus. Essa Casa, evidentemente, é a Igreja; e, como a Igreja é a verdadeira Casa de Deus, importa que seja também a Igreja a Casa mais imponente, mais garbosa e de melhor aspecto a salientar-se no meio de todos as circunvisinhas habitações, a deslumbrar ao longe, como farol em plena barra, a indicar ao navegador o porto de salvação. A Igreja é o farol da barra do Cristianismo, que nos conduz por rota segura ao Céu, a indicar-nos o seguro porto da nossa salvação.

Ao Povo de uma freguesia impõe-se o sagrado dever de cuidar esmeradamente e com todo o fervor pela conservação, embelezamento e engrandecimento da sua Igreja — daquele glorioso monumento ergido há já tantos séculos, e Deus sabe com quantas dificuldades e canseiras, pelos nossos avoengos como luzeiros alvos a indicar e a dar testemunho das suas santas e preclaras virtudes e das suas transcendentes crenças religiosas, que fervorosamente vão passando de geração em geração, e que ainda hoje representam uma das mais sublimes heranças legadas pelos nossos avós.

É desmedida a grandeza, que em si encerra uma Igreja!... Por ela se pode avaliar a grandeza, a cordialidade, a união, a prosperidade, a crença e toda a vida de um Povo. Que esta despretenciosa dissertação sirva de guia e de luz aos Povos do meu Concelho, são os meus sinceros desejos.

Manuel A. B. Marques

Flor desfolhada

DE Gota d'Orvalho

Nota: -- Por motivos alheios à minha vontade, fui obrigado a interromper este folhetim, do que peço me desculpem os estimados leitores.

G.O.

Assim se despediram, cada qual tomando o seu rumo, e no domingo seguinte, estando ainda Jorge sentado à mesa após o jantar, quando batem à porta. Era um criado de D. Vasco com a seguinte mensagem: — Jorge, como no domingo manifestou vontade de se encontrar comigo antes de terminar as férias, queira vir ao lugar X, onde me encontro com algumas das minhas irmãs. Não demore. A amiguinha, Germana. Jorge, tomando a sua moto, caminha no sentido indicado, e após uns segundos de acelerada marcha, encontra-se com Germana, Lúcia e mais duas irmâs. Só Germana fica. As suas irmãs vão de visita a Ercília, para onde se dirigiam. Aí, sob o véu silencioso da noite, a gentil portadora da alegria máxima de Jorge, entrega verbalmente esta mensagem: «Jorge, se algum dia perdeu as esperanças de minha irmã Lúcia, reavive-as! Cenfie nela e no que lhe digo! Não pela certeza que tenho, mas por aquilo que vejo.»

— Então... Lúcia... sua irmã...

— Sim, Lúcia gosta de si!

— Meu Deus! que felicidade a minha, suspirou Jorge meio extasiado!

Urge porém que a prudência seja a vossa mais poderosa armazém. Sabe que os meus pais são demasiado ambiciosos, e mesmo impediriam todo e qualquer namoro a Lúcia durante o tempo do estudo. A luta será forte, mas tudo conseguireis, se souberes agir com cautela. Para já, há que se declarar de novo a minha irmã, porque, como sabe, a elas tal não compete.

— E ela não se negará?...

— Não. Responder-lhe-á imediatamente. E logo que surja qualquer inconveniente comunique-me para Viana.

— Sim, mas... Germana, como lhe hei-de agradecer tão grande felicidade?

Germana ficará suspensa!

— Já que mais não posso, serei para si, depois da Lulu, o seu maior amiguinho, como que um irmão, aceita?

Obrigada! Vamos que já se aproximam as minhas irmãs, e é preciso que as mais novas de nada se apercebam. Apenas residirá o segredo entre o Jorge, eu e minha irmã.

Surge gaiata a vozinha de Lúcia: Ena! Muito têm que dizer estes gentis namorados! (e num ar de graça). Vou dizer à Mãe, vou, vou! E a namorar de noite!... Só queria saber o que disseram!

Tudo isto era gracinha e disfarce, pois que tudo o que nesta réstea de noite se passara, era mera combinação das duas irmãs.

Jorge vem acompanhá-las a casa, e depois de se despedir, depara-se-lhe um caminho de ventura nos sonhos que lhe invadem a alma.

Escreve pois a Lúcia e simultaneamente a Germana comunicando-lhes o que lhe ia na alma que recuperara a vida que até então parecia ter-se-lhe esvaziado por completo como o fumo que se evola no espaço!

Feliz coincidência: Lúcia vai receber a segunda declaração de Jorge precisamente no dia do seu aniversário, 11 de Maio.

Aperta-a bem de encontro ao seu coraçãozinho e chora de alegria. Nesta altura já o quilate do amor era da mesma tara.

No dia seguinte Jorge é convidado por Octávio a um passeio de visita a uns seus familiares em Parada de Gatim, convite este que Jorge aceitará sem hesitação, pois tem a certeza de que, na sua companhia, irá Lúcia, a vida da sua vida.

Dizendo à mãe que vão à Igreja, se desfizeram da companhia de Miquelina. Esta má vontade das irmãs por Miquelina justifica-se: É a mais velha das irmãs que vira o seu sonho ruir aos pés, fazendo-se uma destas solteironas que se completam pelo misticismo beato. Tornara-se rabujenta, me perdoe a pobre pequena se é viva, mas direi mesmo ofensiva e ousada. As virtudes, em si, ao contrário de Lúcia, pouco ou nada contavam, melhor, nunca nela sobressairam.

Depois desta finta a Miquelina, partira o grupo composto por Jorge, Octávio e Carlos, este último, noivo de Almerinda, segunda irmã de Lúcia. Seguiam também Almerinda, Lúcia, Germana, Clementina e Marília. Cantou-se brincou-se, jogou-se o Carnaval em ambiente fraternal.

Em casa da Senhora Teodora, tia de Lúcia, é que foram elas. Jogaram-se serpentinas, confettis, etc., findo o qual não faltou o lanche no final da infantil balbúrdia.

(Continua)

Portugal e a OUA

(Continuação da 1.ª página)

boa se dispôs a negociar, bilateralmente, com cada um dos Estados seus vizinhos na África as questões de reciprocidade de interesse para os dois países. Por outro lado, e perante o desejo transmitido por U Thant ao Governo português quando da visita a Lisboa do sr. Godfrey Amachee, acedeu-se a trocar impressões, sobre a política ultramarina de Portugal e o conceito lusitano autodeterminação, com os representantes de um certo número de países africanos. Essas conversações, foram os africanos, todavia, quem as interrompeu. Foram os africanos quem declarou ser inútil prosseguirem tais conversações, uma vez que o conceito de autodeterminação expresso pelos portugueses era flagrantemente incompatível com o conceito africano — é não já (note-se) com o conceito em vigor nas Nações Unidas.

Além de tudo isto, Portugal é membro da ONU — dentro da ONU está em sua casa e com tanto mais direito quanto não se ignora que jamais se deixou atrazar no pagamento da respectiva quota. Não é, porém, membro OUA.

Mas quererão os africanos admiti-lo como tal?

Não é provável: seria o reconhecimento de Portugal, pelos próprios africanos, como país também africano e com direito, portanto, a permanecer indefinidamente na África.

Portugal, no entanto, sentir-se-ia perfeitamente à vontade em Adis-Abeba: ao contrário dos egípcios, por exemplo, que por mais de uma vez invadiram, ao som de guerra, a Etiópia, os portugueses não subiram às montanhas do Reino do Leão de Sabá senão para auxiliarem os etíopes contra o invasor maometano. — ANI

A Liga de Profilaxia

(Continuação da 1.ª página)

to ao facto de se tratar de uma instituição não oficial nem oficializada e daí permitir-se advertir o articulista de tal designação. Não reparou, porém, que este quis saber da razão por que a Liga à causa ainda não se tinha DEVOTADO (no sentido, evidentemente, de afeição) e nunca como obrigatoriedade de a tratar. Daí o pequeno equívoco que nos apressamos a corrigir, por devida cortezia para com aquela benemérita e patriótica instituição.

Do resto, ficamos identificados, com muito reconhecimento.

M.P.

Leia, Assine
Publique na
«Tribuna Livre»

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

(Continuação da 1.ª página)

passo no sentido de, voluntariamente, por compreensão e formação cívica e moral, libertarem essas mesmas empregadas das grilhetas que as amarram a uma situação verdadeiramente inadmissível sob qualquer ângulo por que queiramos considerá-la. Mas não nos admira o facto, porque a própria circunstância de ele existir, é, por si só, medida aferidora da tacanhez mental dos seus autores e da vigência de motivos que não serão os mais lícitos nem os mais defensáveis.

O que está a passar-se é, verdadeiramente, uma injustiça social. É, sobretudo, um campo aberto aos piores males e origem de gravíssimos descalabros morais que cumprirá evitar e não estimular. O drama intimo que se processa na alma dessas pobres empregadas que para viverem terão de renunciar aos legítimos anseios de toda a mulher normal, bem merece a compreensão e a ajuda de quantos podem libertá-las desta espécie de escravidão moderna.

Não as desamparará a Liga Portuguesa de Profilaxia Social. Tal qualmente aconteceu com as Ex. mas Telefonistas

Lendas de Portugal

(Continuação da 1.ª página)

na sua fantasia.

Mas a Obra em referência não vale apenas por recolher histórias valiosas em que há sempre uma lição ou um exemplo a fixar, vale também pela sua apresentação gráfica, pela magnificência das ilustrações assinadas pelos mais destacados artistas plásticos das gerações modernas, e ainda pelos lúcidos, conscientiosos e modelares capítulos eruditos, que fecham o texto de cada lenda, e nos quais se encontra a explicação de muitos passos das histórias, sobretudo dados curiosos sobre personagens, locais, expressões interessantíssimas pela sua singularidade.



**RELOJOARIA
MAURICIO
QUEIROZ**

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Tel. 22526 BRAGA

Telefone do serviço permanente dos
Bombeiros Voluntários 62162

e com as Ex. mas Enfermeiras, também um dia, que surgirá mais tarde ou mais cedo, as pobres empregadas das empresas particulares coercivamente amarradas ao celibato obrigatório, conseguirão a sua alforria moral.

Reiterando a V. Ex. as nossos profundos agradecimentos pela cativante lembrança com que exprimiram a sua gentileza, aproveitamos a oportunidade para lhes endereçar e a suas Ex. mas Famílias, os melhores votos de saúde e felicidades.»

Caminhos Rurais

(Continuação da 1.ª página)

de água higiénica das fontes e fontenários rurais, e electrificação.

Nunca porém ninguém se lembrou deste problema angustiante dos nossos meios rurais e que é o dos seus caminhos que são as vias diárias desses pobres agregados.

A Câmara que agora termina o seu mandato não descorou este problema, e apesar de ter entre mãos a obra enorme que conseguiu realizar, ela tomou desde inicio e como norma, proporcionar a todas as freguesias que conseguissem pedra e transportes, a pavimentação com calçada à portuguesa, de todos os caminhos.

Foi muito grande e de mérito, a obra realizada neste sector, e para elas foram encaminhados salutamente os subsídios que doutra forma vinham a ser dados ás freguesias em pura perda. Fal orientação lamentavelmente, deixou de ser norma da Câmara e os povos vão continuar a esperar, sofrendo e penando de geração em geração, porque eles não afligem os políticos.

Governar, administrar, é fardo bem pesado para aqueles que são sensíveis a estes imortuos e que sentem o peso da responsabilidade, de não produzir o suficiente e o possível, para os suavizar.

Paulo Macedo

DESPORTOS

Nacionalização Proveitosa

Com um recorde de números de golos marcados num jogo da Taça dos Vencedores das Taças — recorde igualmente válido para qualquer das competições europeias que se disputam entre clubes, pois o máximo estava num resultado de 12 tentos marcados num jogo da Taça dos Campeões — o Sporting esmagou o Apoel, de Chipre, por 16-1 e só não marcou mais golos porque faliaram os seus rematadores numa dezena de oportunidades.

Por outro lado, o clube lisboeta sofreu um golo, que resultou de uma «deforação» dos seus defesas: habituados desde o princípio do jogo a actuar como avançados, em reforço do quinteto de ataque, jogavam na sua grande-área como se atacantes fossem, driblando e fintando — e assim sofreram esse golo, que deu larga alegria aos visitantes.

As conclusões que poderiam tirar-se do simples enunciado dos números são, porém, enganosas. Nem o Sporting teve problemas que vencesse para alcançar os dezasseis golos, nem o Apoel mostrou categoria que justificasse a sua inclusão num torneio europeu entre os melhores de cada país e muito principalmente que permitisse compreender como terá vencido por margem folgada o representante da Noruega em eliminatória anterior.

A equipa de Chipre falhou nível técnico individual, concepção táctica de equipa e até poder físico dos seus elementos. O seu nível geral será o de qualquer equipa portuguesa da segunda divisão regional.

Quanto ao Sporting, apresentou uma equipa «nova»: cinco dos seus jogadores não alinharam habitualmente nas turmas da primeira divisão. E — será essa mesmo a característica principal da equipa — não esteve em campo qualquer jogador estrangeiro, pois o único nascido fora do território nacional, Augusto, é filho de pais portugueses, nasceu no Brasil, mas já es-

tivera em Portugal antes de vir para o clube lisboeta.

Esta inesperada decisão de técnico brasileiro Gentil Cardoso, ao afastar do relvado os jogadores brasileiros de nascimento (alguns já naturalizados portugueses) que habitualmente formam no «onze» do clube, resultou do maior «escândalo» do futebol português nos últimos tempos: a derrota sofrida pelo Sporting, no Barreiro, perante a equipa da Cuf por 4-0.

Não se prestou o encontro com o Apoel para concluir da vantagem ou desvantagem da drástica modificação da turma. O Sporting actuou sempre à vontade, sem dificuldades na defesa, nem grande oposição no ataque, cumpriu dentro do seu normal e o jogo, bem feitas as contas, não passou de um treino em que se trabalhou vigorosa, mas calmamente.

Os elementos da defesa são, todos eles, jogadores chamados por mais de uma vez à equipa titular — alguns mesmo, são os detentores habituais dos lugares em que jogaram, como Carvalho e Lino. Tiveram o mérito de alcançar e manterem boa ligação, como bloco defensivo, e de colaborarem no ataque sempre os incipientes adversários do sector defensivo lhes deixavam vagares para essa missão de apoio.

O binário do meio-campo, Pérídes-Augusto, apareceu pela primeira vez e foi uma fábrica de jogo feito, servindo em abundância e qualidade os homens encarregados do remate.

No sector ofensivo, distinguiram-se os dois extremos, Figueiredo e Louro, oela forma como trabalharam no seu sector, bem juntos à linha lateral, e pela oportunidade com que se desmarcaram para o centro do terreno, sempre que as circunstâncias o recomendaram, ainda, pela frequência com que remataram à balisa. Mascarenhas, no eixo do ataque, cumpriu inteiramente a função de «arieite», alcançando seis golos

e perdendo alguns mais, mas sempre com a aplicação e com o sentido de oportunidade que fizeram dele a figura principal do ataque leonino.

Com esta margem de quinze golos, o Sporting não teve problemas na segunda «mão» da eliminatória, que, para mais, se disputou também em Lisboa. A verdadeira «prova dos nove» deste novo figurino da equipa de Alvalade, foi tirada quando no passado domingo, em que o Sporting defrontou o Leixões — equipa até há pouco considerada modesta, mas que, mercê do alistamento de alguns bons jogadores brasileiros — tão brasileiros como os que o Sporting não faz alinhar — está a conseguir resultados de certo modo sensacionais, como foi, no meado da derrota imposta ao Vitória de Guimarães, por 1-0, na quarta jornada do campeonato.

Jornada aparentemente calma

no campeonato nacional de futebol

Ganharam os «grandes» — e perderam os visitantes, com exceção do Benfica e da Associação Académica. Parece, assim, que foi calma a quinta Jornada do Campeonato Nacional de Futebol na primeira divisão.

Os aspectos característicos foram, porém, numerosos: o Sporting voltou a apresentar apenas jogadores portugueses — e conseguiu um triunfo claro, marcando todos os golos na segunda parte. O Benfica foi vencer o Barreirense, no quarto jogo, dos quais dois na Inglaterra, disputado em oito dias. O Belenenses só agora deu aos seus adeptos certa confiança, vencendo no Restelo um Vitória de Setúbal que o procedia na classificação. E o Vitória de Guimarães confirmou a vocação para acompanhar os grandes, igualando-os na

classificação.

Os resultados da jornada foram: Belenenses 3-Setúbal, 0, SPORTING, 5-Leixões, 1, Barreirense, 2-Benfica, 4, Seixal, 0-Académica, 1, Lusitano, 1-Cuf, 0, Porto, 3-Olhanense, 0 e Guimarães, 5-Varzim, 2.

A classificação é a seguinte:

Benfica	10
Belenenses	9
Guimarães	7
Porto	7
Sporting	7
Setúbal	6
Académica	6
Leixões	5
Cuf	3
Seixal	3
Lusitano	3
Barreirense	2
VARZIM	2
OLHANENSE	0

Na próxima jornada, a sexta do Campeonato Nacional de Futebol da primeira divisão, que se disputa no dia 24, realizam-se os seguintes desafios: Cuf-Seixal, Leixões-Lusitano, Varzim-SPORTING, Setúbal-Guimarães, Olhanense-Belenenses, Académica-Barreirense e BENFICA-F. C. DO PORTO.

Mantêm-se as posições no campeonato regional de futebol em reservas

As classificações são as seguintes:

ZONA NORTE

Braga	8
Marinhense	8
Salgueiros	8
Covilhã	6
Boavista	6
Feirense	6
Beira-Mar	4
Sanjoanense	4
Oliveirense	4
Vianense	4
Leça	4
Espinho	4
Vildemoinhos	2
Famalicão	2

ZONA SUL

Farense	8
Peniche	7
Montijo	7
Os Leões	6
Beja	6
Torriense	6
Alhandra	6
Cova da Piedade	5
Oriental	4
Luso	4
Portimonense	4
Sacavenense	3
Atlético	2
Lusitano de Vila Real	2

Disputaram-se os jogos respetantes à nona jornada do Campeonato Regional de Reservas, em futebol, tendo as equipas mais qualificadas mantido os seus lugares.

Os resultados apurados foram os seguintes: SPORTING-Torriense, 4-0, Alhandra-Oriental, 2-2, Sacavenense-Belenenses, 0-4 e Atlético-Benfica, 0-6.

Depois destes jogos a classificação é a seguinte: Sporting, 27, Benfica, 24, Belenenses, 23, Atlético, 16, Torriense, 15, Oriental, 15, Sacavenense, 14 e Alhandra, 11.

Futebol em Ponta Delgada

Começou a disputar-se o torneio de futebol «Taça de Honra».

Os resultados, da primeira jornada foram os seguintes: Marítimo - União Micaelense, 5-0 e Santa Clara-Micaelense, 4-2.